

ELLEN G. WHITE: PROFETA OU PLAGIARISTA?

William Fagal, Diretor do escritório do White Estate, Universidade Andrews[/b]

Cerca de vinte anos atrás, um pastor adventista alegou num livro que a Sra. White havia plagiado seus escritos de outros. Ele colocou em seu livro trechos de seus escritos em colunas paralelas com obras anteriores de outros autores, alegando que ela havia “copiado” seus escritos e que, portanto, sua reivindicação de ter recebido sua instrução de Deus era falsa.

[b]Nada novo[/b]. Conquanto tais alegações fossem novas para muitos vinte anos atrás, o referido pastor que as popularizou não foi o primeiro a levantar tais questões. Poucos anos antes, nos anos 70, um historiador adventista havia escrito um livro examinando o envolvimento da Sra. White na área de saúde. Ele concluiu, entre outras coisas, que seus conselhos de saúde não eram novos nem singulares. Ela os havia obtido de outros, dizia ele, a despeito de suas reivindicações de tê-los recebido da parte de Deus em visão. (O White Estate preparou uma resposta quase ponto por ponto a seu livro).

Ao longo dos anos várias pessoas dentro e fora da Igreja têm apresentado objeções semelhantes à obra da Sra. White. O crítico mais influente de Ellen White foi provavelmente Dudley M. Canright, destacado ministro e evangelista em nossos primeiros anos. Após deixar o ministério quatro vezes em dúvida e desânimo e retornando cada vez, Canright finalmente deixou o ministério e a Igreja em 1887. Em 1889 ele publicou um livro contra os ensinamentos adventistas, e em 1919, o ano de sua própria morte e quatro anos após a dela, o seu livro contra a Sra. White foi publicado. As suas acusações mais destacadas eram de que a Sra. White havia copiado suas obras de outros.

Mas o interesse nessa questão remonta a período anterior às alegações de Canright. Na publicação [i]Review and Herald[/i] de 8 de outubro de 1867, a Sra. White respondia a esta pergunta: “A senhora recebeu suas opiniões sobre reforma de saúde antes de visitar o Health Institute de Dansville, N.Y., ou antes tinha lido obras sobre o assunto?” A Sra. White respondeu que de fato havia recebido suas visões primeiro, mas a pergunta deixava implícita outra possibilidade—de que a fonte de sua instrução pode ter sido humana, em vez de ser divina.

Como um profeta transmite as mensagens de Deus? Foi a Sra. White honesta ao descrever como ela as transmitia, particularmente com respeito a seu uso de fontes? Obteve ela suas mensagens de outras pessoas e reivindicou que procediam de Deus? Estas perguntas merecem detida atenção.

[b]Como um profeta transmite as mensagens divinas? [/b]

Muitas pessoas parecem crer que um profeta que recebe instrução de Deus transmite-a [i>exatamente como Deus a deu[/i], sem referência a quaisquer outros materiais de qualquer tipo. Alguns no mundo evangélico crêem que Deus até deu ao profetas as [i>palavras exatas[/i] pelas quais falar e escrever as mensagens. Vêm o profeta como um secretário passivo que meramente transcrevia as palavras do Espírito Santo. Conquanto os adventistas do sétimo dia nunca hajam adotado tal ponto de vista, tendo, de fato, deixado em registro na sessão da Associação Geral posição contrária a essa já em 1883,¹ alguns membros da Igreja podem ter mantido essa noção, talvez sem jamais terem de fato se aprofundado nisso.

Claramente, embora os autores bíblicos tenham recebido suas mensagens de Deus, eles não recebiam tipicamente as palavras da parte Dele, ou se esperaria que soassem bem semelhantes. Podemos facilmente identificar as epístolas de Paulo das de João apenas pelo estilo e vocabulário. Suas próprias mentes estão em operação estruturando e moldando suas mensagens de origem divina em palavras de sua própria escolha.

Ademais, os autores bíblicos tomaram emprestado linguagem uns dos outros, e mesmo de autores não-bíblicos para destacar pontos a que desejavam realçar.² E fazemos notar que os primeiros três autores evangélicos compartilham muito material em comum, em alguns casos—porém de modo nenhum em todos—com as palavras exatas. Essas coisas sugerem que as palavras não procedem de Deus, e que os autores bíblicos eram livres para extrair pensamentos não só de autores inspirados, como mesmo de autores comuns, para transmitir as mensagens que foram inspirados a transmitir.

[b]Colhendo e Selecionando[/b]. Na introdução de seu evangelho, Lucas nos diz que ele reuniu os seus fatos daqueles que “desde o princípio foram testemunhas oculares” e que “no-los transmitiram” (1:1-4). Em seu caso, a inspiração ajudou-o a selecionar de outros e registrar com precisão a informação sobre Jesus que Deus desejava que fosse transmitida.

À luz desses exemplos das Escrituras de como a inspiração opera, em que base podemos insistir, como o pastor crítico de Ellen G. White parece fazer, que se o material não é original ao profeta, se mostra qualquer relação com escritos anteriores, então o uso que o profeta faz não é, portanto, inspirado? Com base no que encontramos na Escritura, devemos concluir que [i]a originalidade não é teste de inspiração[/i].

É interessante que esse ponto de vista mesmo aparece num livro que a Sra. White possuía e muito apreciava, e que foi escrito durante a sua infância. A introdução do livro [i]The Great Teacher[/i], de John Harris, traz esta declaração:

[b]Originalidade Impossível[/b]. “Suponha, por exemplo, que um profeta inspirado agora devesse aparecer na igreja, para adicionar um suplemento aos livros canônicos—que babel de opiniões ele não encontraria existindo sobre quase todo tema teológico!—e quão altamente provável é que o seu ministério pudesse consistir, ou parece consistir, na [i]mera seleção e ratificação de tais opiniões como transmitidas com a mente de Deus. Originalidade absoluta pareceria ser quase impossível[/i]. A mente inventiva do homem já tem formalizado opiniões especulativas em quase toda forma concebível; antecipando e roubando ao futuro sua proporção de novidades; e deixando pouco mais, mesmo a um mensageiro divino, do que [i]o ofício de tomar algumas dessas opiniões, e impressioná-las com o selo celeste[/i]”³.

A assembléia da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo de 1883 registrou a crença de nossos pioneiros: “Cremos que a luz dada por Deus a Seus servos é pela iluminação da mente, assim comunicando os pensamentos, e não (exceto em raros casos) as mesmas palavras em que as idéias deveriam ser expressas”.⁴ As precisas palavras, então, não eram o seu enfoque. Eles procuravam cuidadosamente o pensamento a ser expresso. Se as palavras transmitiam o pensamento adequadamente, não importava sob tais circunstâncias se o profeta tinha-as imaginado por si mesmo ou as adaptado de algum outro autor que havia elaborado devidamente as questões.

[b]Foi a Sra. White honesta em descrever como transmitia suas mensagens, especialmente quanto a seu emprego de fontes? [/b]

Ao responder a outra pergunta no mesmo artigo da [i]Review[/i] acima referido, a Sra. White escreveu: “Conquanto eu seja tão dependente do Espírito do Senhor ao escrever meus pontos de vista quanto ao recebê-los, contudo as palavras que emprego ao descrever o que tenho visto são minhas próprias, a menos que sejam as que me foram faladas por um anjo, as quais eu sempre coloco entre aspas”. O pastor que acusou a Sra. White de copiar empregou esta declaração contra ela, alegando que as palavras não são “dela mesma”, mas extraídas de escritos de outros. Ele questionou a sua honestidade em relatar como operava.

[b]O Que Ela Reivindicava[/b]. Mas no contexto, a Sra. White não estava reivindicando originalidade, e sim [i]responsabilidade[/i]. A pergunta que ela estava respondendo tinha que ver com supostos conflitos entre suas descrições de comprimento do vestido da “Reforma de Vestuário” então proposta que ela havia visto em visão. Em resposta, ela observou que nunca lhe havia sido indicado o comprimento do vestido em polegadas nem quaisquer outros termos que ela empregou para descrevê-lo. O que lhe havia sido [i>mostrado foi o vestido, mas foi deixada a descrever sua extensão [i>em palavras de sua própria escolha[/i]. Nesse sentido é que ela disse, “as palavras são minhas próprias”

Destarte, em cumprimento de sua responsabilidade de transmitir os conceitos que Deus lhe havia dado, acaso a Sra. White às vezes extraía palavras e expressões de outros, mesmo sem lhes atribuir crédito? Sim, ela o fez. E não fez segredo disso. De fato, declarou de modo pleno na introdução de um de seus livros de maior circulação, como [i>O Conflito dos Séculos[/i], e deu razões para assim agir:

“The great events which have marked the progress of reform in past ages are matters of history, well known and universally acknowledged by the Protestant world; they are facts which none can gainsay. This history I have presented briefly, in accordance with the scope of the book, and the brevity which must necessarily be observed, the facts having been condensed into as little space as seemed consistent with a proper understanding of their application. In some cases where a historian has so grouped together events as to afford, in brief, a comprehensive view of the subject, or has summarized details in a convenient manner, his words have been quoted; but in some instances no specific credit has been given, since the quotations are *not given for the purpose of citing that writer as authority*, but because his statement affords a *ready and forcible presentation of the subject*. In narrating the experience and views of those carrying forward the work of reform in our own time, similar use has been made of their published works” (pp. xi-xii, emphasis mine).

[b]A Prática de Wesley[/b]. John Wesley o fundador do metodismo no século XVIII, descreveu sua própria prática concernente à documentação de suas fontes. “Isso permaneceu uma dúvida comigo durante algum tempo”, escreveu Wesley, “se eu deveria referenciar cada nota que recebia deles com o nome do autor do qual estava citando; especialmente considerando que eu tinha transcrito alguns, e resumido muitos mais, quase nas palavras do autor. Mas após consideração posterior, [i]resolvi não indicar nenhum[/i], a fim de que [i]nada distraísse a mente[/i] do leitor de deter-se junto ao ponto de vista, e recebesse o que era dito somente segundo seu próprio valor intrínseco”.⁵

A posição de Ellen G. White parece bem semelhante à de Wesley. Seu interesse primário era que as pessoas entendessem sua mensagem. Ela não sentia necessidade de citar outros autores como “autoridade”. O que eles tinham escrito poderia servir simplesmente como uma “apresentação pronta e vigorosa do [i]assunto[/i]”. Para colocar isso nas palavras de Wesley, ela não desejava que “[i]nada distraísse a mente[/i] do leitor de deter-se junto ao ponto de vista”.

[b]Padrões da Época[/b]. Era tal prática aceitável nos dias da Sra. White? Sim. Um de nossos redatores do Comentário Bíblico descobriu ser bastante comum entre autores religiosos do século XIX. “Enquanto redigindo o [i]SDA Bible Commentary[/i],” ele escreveu, “tive oportunidade de comparar trinta e nove comentários bíblicos sobre o livro de 1 Coríntios. A primeira coisa que notei foi a extensão em que esses autores do século XIX, muitos deles bem conhecidos e respeitados, copiaram significativos montantes de material uns dos outros sem dar crédito uma só vez. Concluí que a ética literária do século XIX, mesmo entre os melhores escritores, dava aprovação, ou pelo menos não questionava seriamente o empréstimo literário expressivo sem atribuição de crédito. Ellen White reconheceu francamente que tomava de empréstimo de vários escritores históricos no processo de redigir [i]O Conflito dos Séculos[/i], às vezes com, outras vezes sem crédito. Não é justo que um escritor do século XIX seja julgado por nossos padrões de hoje. Devemos julgá-los por seus padrões e práticas aceitas em seus próprios dias.”⁶

O filho de Ellen White e seu principal assistente, William C. White, relatou que Deus lhe revelara que nos escritos de outros ela encontraria a verdade expressa numa maneira aceitável que a ajudaria a transmitir as mensagens que lhe tinham sido dadas. “Em suas primeiras experiências, quando ela estava por demais angustiada quanto à dificuldade de colocar em linguagem humana as revelações de verdades que lhe haviam sido comunicadas, foi-lhe lembrado o fato de que toda sabedoria e conhecimento procedem de Deus e foi-lhe assegurado que Deus lhe concederia graça e direção. Foi-lhe dito que na leitura de livros e revistas religiosas, ela encontraria preciosas gemas da verdade expressas em linguagem aceitável, e que lhe seria concedida ajuda do céu para reconhecê-las e separá-las do lixo do erro com que ela às vezes as encontrariam associadas.”⁷

Essa capacidade para distinguir a verdade do erro nos conduz ao nosso ponto seguinte e o testemunho de um cientista não-adventista.

A questão-chave chega a este aspecto:

[b]Acaso a Sra. White obteve sua mensagem de outras pessoas e reivindicou que procedia de Deus? [/b]

O Dr. Clive McCay, destacada autoridade em nutrição de meio século atrás, portanto de depois do tempo da Sra. White, um unitariano que lecionava história da nutrição na Universidade Cornell, recebeu um exemplar do livro da Sra. White [i>Conselhos Sobre Regime Alimentar[/i] de um estudante adventista de um programa de mestrado. Ele ficou admirado com o que lia, com cada declaração identificada com o ano de publicação. Pois o Dr. McCay *sabia* quem estava escrevendo sobre nutrição e o que haviam escrito. “Quem foi essa Ellen White”, ele perguntou, “e por que não ouvi a seu respeito antes?”

[b]Impressionado[/b]. O Dr. McCay ficou tão impressionado com os escritos de Ellen White sobre nutrição que até redigiu uma série de artigos em três partes para a publicação adventista [i>Review and Herald[/i]. Note-se um trecho de seu sumário ao final:

“Para resumir a discussão: Todo especialista moderno em nutrição cuja vida é dedicada ao bem-estar humano deve ficar impressionado . . . com os escritos e liderança de Ellen G. White.

“Em primeiro lugar, seus conceitos básicos sobre a relação entre regime alimentar e saúde têm sido comprovados a um nível incomum por avanços científicos de décadas passadas. Alguém talvez busque explicar esse fato notável dizendo: ‘A Sra. White simplesmente tomou emprestado idéias de outros’. Mas como ela saberia de que idéias valer-se e que idéias rejeitar em meio ao cipoal de teorias e ensinamentos sobre

saúde que prevaleciam no século XIX? Ela deveria ter sido uma pessoa bem impressionante, com conhecimento além de sua época, a fim de fazer isso com tanto êxito!

“A despeito do fato de que as obras da Sra. White foram escritas muito tempo antes do advento da moderna nutrição científica, nenhum guia geral melhor está disponível hoje.”⁸

Desde que o Dr. McCay fez suas observações, progressos científicos confirmaram suas conclusões—e os conceitos de Ellen White sobre a relação entre regime alimentar e saúde—com mais vigor ainda.

[b]Sal[/b]. O Dr. McCay referiu-se à dificuldade de selecionar com sucesso o conselho certo dentre a massa de ensinamentos incorretos que circulavam ao tempo da Sra. White. Um exemplo é o uso do sal. Alguns médicos estavam literalmente matando os seus pacientes com elevadas doses de sal. Outros, como o Dr. Trall, um reformador de saúde popular entre os adventistas do sétimo dia, reconhecia a causa dessas mortes e reagiu proibindo qualquer sal, dizendo que era um veneno.

Qual foi a posição da Sra. White? “Eu emprego algum sal, e sempre o fiz, porque da luz que me foi dada, este artigo, em vez de ser deletério, é na verdade essencial para o sangue. Os porquês e para quês disso eu desconheço, mas transmito-lhes a instrução que me foi dada” ([i]Conselhos Sobre Regime Alimentar[/i], p. 344). Nem sempre lhe era dada a razão, os “porquês e para quês”, mas o conselho era certo e seguro para se seguir.

E o seu conselho tem suportado o teste científico do tempo. Confirmação, contudo, nem sempre é imediata. Levou cerca de 120 anos para que a ciência estabelecesse a verdade das advertências quanto ao fumo. E algumas das coisas que ela ensinou ainda não foram confirmadas pela ciência. Mas o seu “registro passado” é suficientemente vigoroso para que não precisemos rejeitar aqueles conselhos, apenas porque a ciência não os comprovou ainda. E esse registro passado também torna insustentável dizer que ela obteve suas idéias de outros, atribuindo-as a si mesma. Como observou o Dr. McCay, ela não poderia ter feito isso com tanto sucesso.

[b]Nada Novo[/b]. Alguns têm imaginado—equivocadamente—que os conselhos da Sra. White eram novas idéias, coisas que jamais se ouviu antes de ela as ter recebido. Já vimos que não era este sempre o caso. Nossos pioneiros, de fato, negaram especificamente que em questões de saúde a Sra. White foi a primeira a estabelecer os princípios que ensinava. Em 1866, o Pastor J. H. Waggoner escreveu na [i]Review and Herald[/i]: “Não pretendemos ser pioneiros nos princípios gerais da reforma de saúde. Os fatos sobre que este movimento se baseia foram elaborados, em grande medida, por reformadores, médicos, e autores sobre fisiologia e higiene, e assim podem ser encontrados espalhados pela terra. Mas reivindicamos que pelo método da escolha divina [as visões dadas a Ellen White] têm sido mais clara e poderosamente revelados, e assim estão produzindo um efeito que não poderíamos ter buscado por quaisquer outros meios”.

O Pastor Waggoner em prosseguimento assinalou este importante ponto sobre os seus princípios de saúde: “Como meras verdades fisiológicas e higiênicas, elas devem ser estudadas por alguns em seu tempo livre, e por outros, postos de lado como de pouca consequência; mas quando postos no mesmo nível das grandes verdades da terceira mensagem angélica pela sanção e autoridade do Espírito de Deus, e assim declaradas serem o meio pelo qual um povo fraco pode ser tornado forte para vencer, e nossos corpos adoecidos purificados e adequados à transladação, então nos vêm como uma parte essencial da [i]verdade presente[/i], a ser recebida com a bênção de Deus, ou rejeitados para nosso maior perigo”.⁹

[b]Motivação[/b]. Esta ligação entre saúde e santidade propiciou um forte fator motivador que ajudou as pessoas a realizar mudanças necessárias em regime alimentar e estilo de vida. Outros reformadores de saúde do tempo da Sra. White, e desde então, não oferecem essa motivação, e sua obra tem se revelado de muito menor efeito. O Dr. McCay comentou sobre a diferença, aparentemente sem reconhecer a sua origem. Um de seus outros pontos de sumário foi o seguinte: “Todos quantos tentam ensinar nutrição dificilmente podem conceber uma liderança como a da Sra. White que foi capaz de influenciar um substancial número de pessoas a melhorar o seu regime alimentar”.¹⁰

Em resultado da instrução que ele recebeu em visão, a Sra. White tinha uma mensagem de origem divina para transmitir. Outros poderiam ter levantado alguns dos mesmos pontos antes. Ela poderia até mesmo empregar ou adaptar a linguagem desses outros para acentuar esses pontos. Mas colocou o material numa estrutura própria, e assim teve novo valor e poder.

[b]O Testemunho do Advogado[/b]. Vincent L. Ramik, proeminente e respeitado advogado de direitos autorais em Washington, D.C., fez notar esse poder. Em 1981, em meio a renovadas acusações de plágio, O Depto. Legal da Associação Geral da IASD utilizou fundos doados privadamente para

contratar Ramik a fim de pesquisar o caso legal e a evidência literária para ver se a Sra. White era culpada de plágio, pirataria literária ou se havia infringido direitos autorais. Ramik, um católico romano, gastou cerca de 300 horas passando em revista casos e lendo a evidência literária. Além de examinar os argumentos do crítico, ele pesquisou o que chamou “uma grande amostragem de seus livros”, até lendo [i]O Conflito dos Séculos[/i] completamente. No que diz respeito às questões legais, ele concluiu, “Se eu tivesse que me envolver num processo judicial [concernente a acusações de plágio, pirataria e infração de direitos autorais contra Ellen White], eu decidiria participar na parte da defesa, antes que na da acusação. Simplesmente não há o que acusar!”

Uma parte importante de sua opinião legal foi sua observação de [i]como[/i] a Sra. White havia empregado os escritos de outros. “Ellen White empregou os escritos de outros”, ele disse, “mas pelo [i]modo[/i] como os utilizou, ela os tornou unicamente seus próprios, ética, bem como, legalmente. E, é interessante, ela invariavelmente melhorava aquilo que ‘selecionava’! . . . Ela manteve-se bem dentro dos limites legais da ‘utilização justa’, e o tempo todo criou algo que era substancialmente maior (e mesmo mais bonito) do que a mera soma das partes componentes. Eu creio que a derradeira tragédia é que os críticos deixam de ver isto. . . .”

“A questão de fundo é: O que realmente conta é a [i]mensagem[/i] da Sra. White, não meramente os [i]escritos[/i] mecânicos—palavras, cláusulas, sentenças—da Sra. White. Os teólogos, é-me dito, distinguem aqui entre inspiração verbal e inspiração plenária. Demasiados críticos perderam o rumo inteiramente. E isso é por demais lamentável também!”

“Eu, pessoalmente, tenho sido tocado, profundamente tocado, por esses escritos. Fui modificado por eles. Penso que sou um homem melhor hoje por causa deles. E desejaria que os críticos pudessem descobrir isso!”¹¹

[b]Conclusão[/b]

Temos visto que um profeta proclama as mensagens de Deus em palavras dadas por Deus, mas com a escolha das palavras do próprio profeta, o que pode incluir a utilização da linguagem de outros. A Sra. White declarou abertamente que às vezes empregou escritos de outros para ajudá-la a transmitir eficazmente as mensagens que lhe haviam sido dadas. Sua maneira de assim agir ajustava-se bem com a prática aceitável em seus dias. Mas ela era mestra de seus materiais, não escrava, adaptando-os para os *seus* propósitos, antes que apenas os repetindo.

Os escritos de Ellen G. White falam vigorosamente mesmo hoje, e muito mais poderosamente do que os escritos dos quais ela extraiu palavras e expressões. Ao honrarmos o conteúdo de seus escritos, também nada temos do que ser envergonhados em seu estilo de os redigir.

[b]Notas[/b]

1. No voto para reimprimir os volumes existentes dos [i>Testimonies for the Church[/i], a sessão de 1883 fez observar que muitos dos [i>Testimonies[/i] tinham sido originalmente preparados apressadamente e continham algumas imperfeições gramaticais. Os delegados votaram, “Conquanto creíamos que a luz dada por Deus a Seus servos é pela [i>iluminação da mente[/i], assim [i>comunicando os pensamentos[/i], e [i>não (exceto em raros casos) as próprias palavras em que as idéias devem ser expressas[/i] [itálicos meus]; portanto,

“[i>Resolvido[/i], Que na republicação desses volumes, sejam feitas mudanças verbais para remover as imperfeições acima mencionadas, tanto quanto possível, sem em qualquer medida alterar o pensamento; e além disso

“34. [i>Resolvido[/i], Que esta corporação aponte uma comissão de cinco para encarregar-se da republicação desses volumes segundo o preâmbulo e resoluções acima” ([i>Review and Herald[/i], 27 de novembro de 1883, p. 741. Reproduzido em [i>Witness of the Pioneers Concerning the Spirit of Prophecy[/i] [Washington, D.C.: Ellen G. White Estate, 1961], p. 54).

2. As referências marginais em muitas Bíblias oferecem indicações de outras passagens das Escrituras que um escritor pode estar citando ou a que faz alusão. Em Atos 17:28 Paulo cita Epimenides de Creta (6o. século AC) e o poeta Aratus (ca. 270 AD), um amigo de Zeno, fundador dos estoicos; in Tito 1:12 ele cita Epimenides novamente.
3. John Harris, [i>The Great Teacher[/i], 2nd ed., 1836, pp. xxxiii-xxxiv, ênfase minha.
4. Ver nota 1.
5. John Wesley, [i>Explanatory Notes Upon the New Testament[/i] (London: The Epworth Press, 1948 reimpressão), Prefácio, p. 8, Minhas ênfases. Também citado por F. D. Nichol, [i>Ellen G. White and Her Critics[/i], p. 406.

6. Raymond F. Cottrell, “The Literary Relationship between [i]*The Desire of Ages*[/i], by Ellen G. White, and [i]*The Life of Christ*[/i], by William Hanna” (1979), p. 6. Disponível no Ellen G. White Estate.
7. W. C. White e D. E. Robinson, “Brief Statements Regarding the Writings of Ellen G. White,” Ellen G. White Estate “Elmshaven” Office, 1933, p. 5; reimpresso como suplemento para a [i]*Adventist Review*[/i], 4 de junho de 1981, e disponível no Ellen G. White Estate.
8. Clive M. McCay, “Adventist Health Teachings Further Confirmed,” [i]*Review and Herald*[/i], 26 de fevereiro de 1959, p. 10. Um reimpressão de todos os três artigos está disponível no Ellen G. White Estate.
9. J. H. Waggoner, “Present Truth,” [i]*Review and Herald*[/i], 7 de agosto de 1866, p. 77, ênfase do autor. O Pr. Waggoner foi um destacado ministro e redator. Seu filho E. J. Waggoner é mais bem conhecido hoje por sua participação com A. T. Jones, em apresentar novas idéias sobre justificação pela fé na assembléia da Associação Geral de 1888.
10. Clive M. McCay, “Adventist Health Teachings Further Confirmed,” [i]*Review and Herald*[/i], 26 de fevereiro de 1959, p. 10. Uma reimpressão está disponível no Ellen G. White Estate.
11. “There Simply Is No Case,” entrevista com Vincent L. Ramik, [i]*Adventist Review*[/i], 17 de setembro de 1981, p. 6, ênfases dele. Uma reimpressão está disponível no Ellen G. White Estate.

[u]Obs[u].: Para contatar o White Estate a respeito de materiais ou outras questões, dirija-se a Ellen G. White Estate, 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904-6600, USA; e-mail: mail@WhiteEstate.org. Também se pode visitar o website at <http://www.WhiteEstate.org>. A filial brasileira tem o seguinte endereço: <http://www.centrowhite.org.br>.